

HOWARD GORDON

O OBELISCO

Tradução de Rui Azeredo

PRÓLOGO

Cole Ransom sentia-se cansado devido ao voo de várias horas, embora não o suficiente para deixar de apreciar o *design* funcional do aeroporto. Depois de ter passado sem dificuldade pela alfândega, seguiu as indicações dos letreiros bilingues que o conduziram ao exterior, até à zona de transportes terrestres. Não abrandou o passo enquanto as portas deslizaram para se abrirem e dirigiu-se para o exterior, onde foi atingido por um sopro abrasador de ar tropical. Estreitando os olhos devido ao sol incredivelmente brilhante, conseguiu ver os pináculos de vidro e aço da capital do Sultanato de Mohan a erguerem-se ao longe.

Um homem – inquestionavelmente americano – estava parado ao lado de uma carrinha preta estacionada no passeio. Tinha postos uns óculos escuros ajustados à forma da cabeça e usava um boné de basebol camuflado e uma barba abundante. Trazia uma placa de identificação pendurada no cinto. Na mão tinha uma placa a dizer Dr. COLE RANSOM. Se não fosse pela barba, pareceria um soldado ou um polícia.

– Dr. Ransom – disse o homem, baixando a placa e estendendo a mão. Ransom correspondeu ao gesto, mas o homem sorriu. – Eu levo a sua bagagem, senhor – disse o homem.

– Certo. Desculpe – disse Ransom, passando-lhe a mala.

– Também posso levar a outra, se quiser – disse o homem de barba, apontando com a cabeça na direção do computador portátil de Ransom.

– Deixe estar – disse Ransom. – Eu levo esta. – Viajara para Mohan para efetuar aquele que era o trabalho mais importante da sua

carreira. A última coisa de que necessitava era que lhe partissem ou roubassem o portátil.

O condutor colocou a mala de Ransom na traseira da carrinha e fechou a porta, depois abriu a porta de trás dos passageiros a Ransom, e este entrou.

O condutor instalou-se ao volante e pelo espelho deitou uma olhadela a Ransom.

– Dr. Ransom, antes de seguirmos, talvez queira verificar se traz tudo consigo. Malas, passaporte, computador?

Ransom fez uma verificação rápida.

– Sim, está aqui tudo. E pode chamar-me Cole. Sou apenas um engenheiro de estruturas.

O condutor sorriu ao ligar a ignição.

– Eu sei quem o senhor é.

Ransom era, na realidade, um dos mais reputados engenheiros de estruturas do mundo. Estava de visita ao Sultanato de Mohan para testar a integridade estrutural do Obelisco – uma plataforma petrolífera marítima recentemente construída, a maior e mais cara da história da demanda por crude. Tinha havido uns problemas com o sistema de amortecimento de deslocação e ele estava ali para resolvê-los.

A carrinha deixou o aeroporto através de um portão de segurança e, depois, virou para uma estrada de serviço. À direita estendia-se uma vasta extensão de praia deserta e, para além desta, a superfície azul brilhante do Mar da China Meridional. Ransom iria passar as semanas seguintes algures por ali. Conforme o Obelisco foi sendo faseadamente posto a funcionar, começou a exibir algumas oscilações problemáticas quando o mar estava mais agitado. Kate Murphy, a diretora da plataforma, suspeitou de uma falha de conceção. Os criadores da plataforma insistiram que ela estava a ser paranoica, ou que, pelo menos, estava a tentar proteger-se para disfarçar a sua escassez de produção. Ransom conversou imenso com Kate antes de voar para ali e ela nem de perto nem de longe lhe pareceu alarmista. Mas nunca se sabe. Ransom viajou até ali para efetuar alguns testes e verificar quem tinha razão.

A suspensão da carrinha saltou subitamente, despertando Ransom dos seus pensamentos. O condutor saía da estrada de serviço

para se meter num caminho de gravilha que levava até à praia. Parou a carrinha no que parecia ser uma pedreira abandonada. Ransom estava baralhado.

– Por que é que parámos aqui?

– Tenho de verificar se tem o seu passaporte – explicou o condutor.

Ransom olhou com estranheza para o condutor. Já era a segunda vez que lhe perguntava pelo passaporte.

– Já lhe disse antes. Tenho-o comigo.

– Se calhar, a partir daqui é melhor ficar eu com ele.

– Porquê?

– Tivemos alguma agitação popular nas últimas semanas. Vamos ter de passar por alguns postos de controlo montados pelo governo e vou ter de mostrar o seu passaporte aos soldados. – O homem de barba estendeu a mão, com a palma virada para cima.

Enquanto levava a mão ao bolso no peito e passava o documento ao condutor, Ransom pensou por que razão não lho terá pedido no aeroporto. O homem de barba observou atentamente a pequena caderneta azul. Ransom sentiu a batida do seu coração a acelerar ligeiramente, assim como um pequeno arrepio de preocupação na parte de trás do pescoço.

– Essa agitação popular... é muito séria? – perguntou Ransom.

O homem de barba baixou o passaporte e olhou para cima, para Ransom.

– Já ouviu falar do terrorista Abu Nasir?

Ransom franziu o sobrolho e abanou a cabeça.

– Não, nunca.

– Agora já ouviu.

Ransom viu o grande círculo preto a apontar para ele antes de perceber que o condutor estava a empunhar uma enorme pistola automática. A seguir, o condutor deu-lhe um tiro no rosto.

CAPÍTULO UM

Até tentar vestir o seu *smoking*, Gideon Davis não se apercebera do peso que tinha ganho. Os quilos em excesso quase não se notavam na sua silhueta muscular de um metro e oitenta e cinco, mas, mais cedo nessa tarde, Gideon sentira o aperto nos ombros ao abotoar o casaco. Agora sentia-se ainda mais apertado e tentou evitar contorcer-se na cadeira enquanto o presidente dos Estados Unidos discursava na Assembleia Geral das Nações Unidas.

– ... perderam-se dez mil vidas na guerra sangrenta entre as milícias guaviare e as forças armadas do governo colombiano. Durante anos, ambas as partes rejeitaram repetidamente um cessar-fogo, até se tornar praticamente impensável para toda a comunidade internacional uma resolução pacífica. Para toda a gente... exceto para um homem.

– O presidente Alton Diggs apontou com a cabeça na direção de Gideon, que esboçou um sorriso que lhe pareceu tão constrangido quanto o *smoking*. Estar sob as luzes da ribalta era uma situação à qual ainda não se acostumara.

Dezassete horas antes, Gideon estivera sentado numa cabana na selva colombiana, enquanto homens armados vagueavam em redor, à espera de um pretexto para começarem a disparar uns contra os outros. O cessar-fogo que ele negociara era o culminar de uma série de encontros intermináveis que durou três meses, durante os quais passou dia e noite num vaivém entre o governo e as forças rebeldes, por norma comendo sempre duas vezes a mesma refeição – uma com cada facção –, o que contribuiu para os quilos em excesso que ganhou. De modo a manter as partes em conflito à mesa das negociações, teve

de partilhar enormes pilhas de *ajiaco*, um cozido tradicional feito de galinha, milho, batatas, abacate e *guascas*, uma erva local, e *chunchullo*, intestinos de vaca fritos. Por muito eficiente que fosse uma estratégia diplomática, Gideon sabia que não havia quantidade de comida que conseguisse aguentar o cessar-fogo. Havia poucas hipóteses de que durasse mais do que um mês.

Mas o presidente disse-lhe que a melhor forma de aguentar o cessar-fogo era envolvendo a comunidade internacional, e a melhor forma de o conseguir era através de um grande evento mediático. E os *media* adoravam Gideon Davis.

O presidente Diggs continuou a debitar para a assistência alguns dos pontos altos da carreira de Gideon enquanto Enviado Especial da Presidência. Atribuiu a Gideon o mérito de suavizar crises desde os Balcãs ao Waziristão e considerou-o uma das figuras públicas com coragem para defender que os Estados Unidos precisavam de repensar a sua abordagem à guerra contra o terrorismo. Para os seus detratores, Gideon era perigoso – um escravo do politicamente correto que achava que os inimigos da civilização ocidental poderiam ser obrigados a dar as mãos e a cantar “Kumbaya”. Mas alguém que já tivesse convivido com Gideon sabia que isso não correspondia minimamente à verdade. Sabia que ele ia diretamente ao assunto e que não tolerava tretas. Sabia que ouvia as pessoas. Virtudes suficientemente simples, mas difíceis de encontrar em Washington – e por isso algumas pessoas do meio catalogaram Gideon como a mais rápida estrela em ascensão na política norte-americana. Antes de Gideon ter partido para a Colômbia, o presidente Diggs deixou escapar que algumas figuras de proa do partido estavam a pensar nele para uma das próximas corridas eleitorais. Um rumor até colocou Gideon na lista restrita de potenciais parceiros do presidente na corrida eleitoral. Isto apanhou Gideon de surpresa, uma vez que nunca teve verdadeiramente ambições políticas. Não via interesse em expor a sua vida privada a esse tipo de escrutínio e a ter de fazer os inevitáveis compromissos que vêm colados ao desempenho de cargos públicos. Mas a perspectiva de deter poder suficiente para fazer a diferença nos assuntos mundiais levou Gideon a repensar a sua posição. Foi uma das razões que o levaram a concordar em enfiar-se naquele

smoking para receber o prêmio das mãos do presidente, que concluía agora a sua apresentação.

– ... mais do que simplesmente construir pontes, este homem dedicou-se àquele antigo e extremamente sagrado pilar do nosso código moral: “Não matarás”. E, assim, é um grande privilégio atribuir a Medalha da Paz das Nações Unidas a um dos grandes artífices da paz dos nossos tempos, Gideon Davis.

Gideon aproximou-se do palanque para receber um forte aplauso. Apertou a mão ao presidente e depois inclinou a cabeça para que ele lhe colocasse o medalhão guarnecido de fitas em volta do pescoço.

– Obrigado, Sr. Presidente – disse Gideon, antes de agradecer a diversos outros chefes de estado cujo protocolo indicava que seria útil agradecer. – Trata-se de uma grande honra e aceito-a com gratidão e humildade. Todos nós nesta sala temos a noção de que a paz é mais do que apenas a ausência de guerra... é também a ausência de pobreza e injustiça. Ainda temos pela frente o verdadeiro trabalho e o seu sucesso final depende do apoio diplomático e económico de cada um dos países representados esta noite nesta sala. – Enquanto Gideon prosseguia o seu discurso sobre a necessidade da solidariedade internacional viu uma mulher num vestido vermelho reprimir um bocejo. Ele estava a perdê-los. Mas isso não o impediu de destacar o seu objetivo – os verdadeiros heróis eram os homens e as mulheres na Colômbia que arranjaram coragem para se envolverem e para quebrarem a espiral de violência que reclamara tantas vidas entre os compatriotas deles. – O vosso apoio e a boa vontade e o árduo trabalho deles podem, efetivamente, fazer desta uma paz justa e duradoura. Eles é que deveriam estar aqui esta noite a ser homenageados. E, assim sendo, partilho esta distinção com eles. – Retirou a medalha e segurou-a por cima da cabeça.

Mas o seu gesto foi acolhido com silêncio.

Estraguei tudo, pensou Gideon. Aquelas pessoas não se deslocaram ali para que lhes recordassem as suas obrigações morais e económicas. Deslocaram-se ali para se sentirem bem. Foram na expectativa de que Gideon distribuísse às mãos cheias aquela retórica de autocongratulação que faz mover as Nações Unidas. Gideon repreendeu-se a si próprio por se ter dado ao luxo de ter pensado de outra forma e

desejou ter arranjado uma desculpa para ter permanecido em casa a dormir.

Mas, então, começaram os aplausos. Subitamente e com determinação, como um trovão seguido de uma chuva intensa que se manteve até inundar a sala com a aprovação coletiva de cada um dos membros da audiência. Até a mulher do vestido vermelho estava a aplaudir. E, por instantes, Gideon permitiu-se a sentir uma leve esperança de que o cessar-fogo que se empenhara tanto em obter poderia durar. Pelo menos, por uns tempos.

Uns minutos mais tarde, Gideon foi levado para uma sala adjacente. Por muito que o discurso tivesse sido bem-sucedido, não tinha ilusões quanto ao seu impacto real no cessar-fogo. Fazer discursos era a parte fácil. Transformar o entusiasmo dos políticos e diplomatas em atos reais já era outra história. Não seria de esperar que a maior parte das pessoas ali presentes cumprisse as promessas feitas sob a influência de alguns copos. Algumas delas não tinham poder; outras simplesmente não passavam de uns gabarolas.

Um representante da embaixada da Holanda apresentou-se a Gideon, que se recordava de o homem ter sido ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país antes de ter sido encostado num cargo numa embaixada por causa de uma relação continuada com uma acompanhante.

– O senhor é um visionário – disse o funcionário da embaixada, com a sua mão pequena a prender o bícep de Gideon.

Gideon exibiu o seu melhor sorriso.

– Agradeço o elogio, mas fiz apenas aquilo que o presidente me pediu para fazer.

– A sua modéstia fica-lhe bem, naturalmente – disse o homem –, mas não está a ser justo consigo próprio quando...

– Sr. Davis? Lamento interromper...

Gideon virou-se para o dono daquela voz. Ao contrário das pessoas que o rodeavam – todas elas envergando fatos ou vestidos de noite –, o homem que lhe dirigia a palavra vestia um impecável uniforme militar. Era um fato de cerimónia azul com um cinto entrelaçado branco. O cabelo dele era alto e espetado, com as paredes laterais típicas do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

– O presidente gostaria de falar consigo.

– Vai ter de me desculpar – disse Gideon ao funcionário da embaixada, grato por ter uma desculpa para pôr um fim à conversa antes mesmo que ela começasse.

Nitidamente pouco acostumado a ser interrompido por um modesto soldado, o representante da embaixada deitou uma olhadela ao fuzileiro enquanto este abria caminho por entre a multidão para dar passagem a Gideon.

O fuzileiro encaminhou Gideon para uma porta. Um par de agentes dos serviços secretos guardava a entrada. Um deles abriu a porta a Gideon, que entrou numa grande sala de reuniões onde o presidente Diggs conversava tranquilamente com um homem vulgar, mas de rosto amável, na casa dos sessenta e que tinha a expressão cansada e abatida de um cão de caça. Tratava-se de Earl Parker, amigo e mentor de Gideon e o que havia de mais parecido com um pai na sua vida.

– Tio Earl...

– Estiveste muito bem lá dentro – disse Parker. – Verdadeiramente inspirador.

– Não sabia que aqui estava.

– Estava na parte de trás – disse Parker, a sorrir. – Estou orgulhoso de ti, filho.

Gideon respondeu com um sorriso, surpreendido por constatar o quanto ansiava pela aprovação do homem mais velho.

Já conhecia Earl Parker há muito tempo. Parker não era efetivamente seu tio, mas fora amigo do seu pai. Após a morte dos pais de Gideon há vinte anos, Earl Parker impôs a sua presença, tornando-se uma espécie de pai para ele – e para o seu irmão mais velho, Tillman. Depois de os pais terem morrido, eles foram viver com uma família de acolhimento. Mas Parker ia visitá-los todos os fins de semana ou de quinze em quinze dias para jogar futebol americano no pátio e para verificar como ia a escola, comportando-se como se estivessem unidos por laços de sangue. Não deixaram de reparar na atenção que lhes votava e acabaram por questioná-lo quanto ao motivo que o levava a passar tanto tempo com eles. Explicou, pura e simplesmente, que tinha servido nos fuzileiros com o pai deles e que tratar-lhe dos

filhos não serviria nem para começar a retribuir a enorme dívida de gratidão que tinha para com ele.

Além do facto de nunca ter casado, os rapazes pouco sabiam da vida pessoal do Tio Earl. O que não impediu Gideon de tentar ordenar uma biografia muito básica baseada na observação de determinados pormenores. Como os dentes de Parker. Não eram bons, o que indicava que teria sido criado numa família onde as idas ao dentista seriam consideradas uma extravagância. Ao falar, o seu sotaque revelava as características rudes exclusivamente típicas dos montes mais elevados e isolados do Tennessee oriental.

Mas os registos públicos também revelaram alguns factos aleatórios, e foi dessa forma que percebeu que, sob aquela aparência simples, residia um homem extraordinário. Parker fora o primeiro e único estudante da Universidade Estatal do Tennessee Oriental a ganhar uma bolsa de estudos Rhodes¹. Após a sua estadia em Oxford, alistou-se no exército e serviu durante oito anos no Corpo de Fuzileiros, antes de desempenhar uma série de cargos cada vez mais poderosos em diversos departamentos e agências do governo dos Estados Unidos cujas funções raramente eram do conhecimento do americano vulgar. No presente, desempenhava o cargo de conselheiro nacional de segurança adjunto e era por norma considerado uma das vozes mais importantes da Casa Branca a nível de política externa. Havia até quem o considerasse mais importante do que o Secretário de Estado.

Foi o Tio Earl que levou Gideon para o Departamento de Estado, convencendo-o a deixar o seu cargo nas Nações Unidas. Mas, após o derrube das Torres Gémeas, o aprendiz deu por si a desafiar o seu mentor. Gideon começou a defender que os Estados Unidos deviam envolver-se mais com o mundo islâmico, recorrendo a um poder brando, através da diplomacia e da economia, enquanto Parker argumentava que desenvolver o poderio militar era a única coisa que os inimigos compreendiam. Gideon e Parker sempre tiveram discussões saudáveis sobre as suas diferenças políticas. Houve uma época em que o vigor dessas discussões representara uma parcela dos laços que os

¹ Bolsa de estudos atribuída pela Rhodesfoundation que permite ao estudante frequentar a Universidade de Oxford, em Inglaterra, durante um ou dois anos. (N. do. T.)

uniam. Mas, nos últimos anos, as diferenças políticas começaram a afetar a relação pessoal – especialmente a partir do momento em que aumentou a influência de Gideon sobre o presidente. Ambos sofreram com a crescente distância que se instalava entre eles, mas nenhum deles sabia muito bem como lidar com a situação.

Gideon desviou o olhar do Tio Earl para voltar a dar atenção ao presidente, que tomou a palavra.

– O que sabe sobre o Sultanato de Mohan?

– Apenas o que li nos relatórios do Departamento de Estado. – Gideon prosseguiu para lhes revelar tudo o que sabia sobre a pequena nação insular; ficava a meio caminho entre a Malásia e as Filipinas, tinha uma população algures entre os cinco e os seis milhões de pessoas, noventa por cento das quais eram muçulmanos falantes de malaio e cinco por cento de etnia chinesa ou indiana, havendo ainda umas tribos relativamente desconhecidas não recenseadas que viviam nas terras altas. Gideon também sabia que Mohan era uma espécie de possessão pessoal do sultão, que, uns anos antes, derrubou impiedosamente uma rebelião islamista. Com alguma ajuda militar não oficial dos Estados Unidos, as forças armadas do sultão conseguiram reduzir a presença dos jihadistas a algumas províncias remotas.

O presidente assentiu com firmeza.

– Só que os jihadistas foram enfraquecidos, mas não eliminados. Assim que se aperceberam da quantidade de petróleo que jazia sob as águas costeiras, começaram a recrutar mais gente e a rearmar o movimento. E enquanto você estava na Colômbia, eles saíram da toca. Avançam sobre várias províncias do interior e o nosso amigo sultão está perante um sério problema.

Nada disto era do conhecimento de Gideon quando viajou para a América do Sul.

– Preciso que vá até lá com o Earl.

– Quando?

– Imediatamente.

Gideon passou a mão pelo *smoking*.

– Com este fato formal? Nem sequer tenho uma escova de dentes.

Os olhos do presidente reluziram de divertimento.

– Ouvi dizer que há escovas de dentes em Mohan.

– Com todo o respeito, senhor presidente, acabei de regressar há apenas umas horas. Nem sequer fui informado sobre Mohan, desconheço os motivos do conflito ou os protagonistas de cada uma das partes...

O Tio Earl interrompeu.

– Não se trata de negociar uma trégua.

– Então, trata-se de quê?

– Do teu irmão – esclareceu.

Apesar de a expressão do Tio Earl só raramente demonstrar algum tipo de emoção, estava perturbado de uma forma que Gideon nunca vira antes.

– O Tillman precisa da nossa ajuda.

– Da nossa ajuda em que termos?

Parker debateu-se com a pergunta antes de finalmente dar uma resposta.

– Temos quarenta e oito horas para o salvar. – Olhou para baixo para o relógio. – Corrijo. Quarenta e sete horas.